

**PELOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO:
POLÍTICA, FUTEBOL E RESISTÊNCIAS À
EXCLUSÃO SOCIAL**
THROUGH THE SUBURBS OF RIO DE JANEIRO:
POLITICS, FOOTBALL AND RESISTENCE TO SOCIAL
EXCLUSION

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA*

Resumo: O presente trabalho visa a realização de uma reflexão sobre as resistências contra a exclusão social por parte das camadas populares na Primeira República a partir da esfera cultural, sendo o futebol um elemento importante para nos permitir enxergar essa diversidade de manifestações. Tendo aproximações com a cronologia do primeiro período republicano no Brasil, este esporte permite visualizar sujeitos desconhecidos, apresentando-os como agentes ativos de sua própria história. Assim sendo, a Liga Suburbana de Futebol, o Profissionalismo Marrom e o futebol de mulheres nos aparecem como pontos de grande importância para essa discussão, pois nos permitem ir além do debate acerca de uma postura passiva das camadas populares nos grandes acontecimentos. Para tanto, utilizaremos como fontes parte da imprensa da época e outros estudos produzidos sobre o tema, a fim de discutir nossa hipótese que é a seguinte: por meio das manifestações culturais, os agentes sociais do período republicano puderam resistir à exclusão social institucionalizada a partir de 15 de novembro de 1889.

Palavras-chave: Futebol, Política, República.

Abstract: The present work aims to reflect on the resistance against social exclusion on the part of the popular classes in the First Republic from the cultural sphere, with football being an important element in allowing us to see this diversity of manifestations. Having similarities with the chronology of the first republican period in Brazil, this sport allows us to visualize unknown subjects, presenting them as active agents of their own history. Therefore, the Suburban Football League, Brown Professionalism and women's football appear to us as points of great importance for this discussion, as they allow us to go beyond the debate about a passive stance of the popular classes in major events. To do so, we will use as sources part of the press of the time and other studies produced on the subject, in order to discuss our hypothesis, which is the following: through cultural manifestations, social agents of the republican period were able to resist institutionalized social exclusion from of November 15, 1889.

Keywords: Football, Politics, Republic.

* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor de História junto ao IFRO. (E-mail: glauco.josecosta@hotmail.com).

Introdução

A história do Brasil está repleta de episódios em que a participação popular foi questionada, sobretudo por não se adequar a algum tipo de modelo específico. A Proclamação da República, por exemplo, teve em Aristides Lobo (ministro do interior do governo provisório de 1889 e um de seus contemporâneos mais famosos) a definição do povo como “bestializado”. Na sua visão, quem para José Murilo de Carvalho fora testemunha do dia 15 de novembro de 1889, o povo, assistira a tudo “bestializado”, não compreendendo o que acontecia e acreditando ser o movimento que derrubou a Monarquia no Brasil uma parada militar.

A História, por sua vez, não é uma ciência que permite se chegar a observações sobre determinados acontecimentos no exato momento em que eles se encerram. Como destaca a historiadora Emília Viotti da Costa, “uma das tarefas mais difíceis do historiador é a crítica ao testemunho”.¹ Para a autora, isso se deve à carga emotiva que é colocada em tal situação.

O grau de comprometimento do observador, a qualidade e a quantidade das informações de que dispõe sua maior ou menor capacidade de análise, a maneira pela qual se deixa empolgar por paixões e sentimentos refletem-se no seu depoimento. É regra elementar da pesquisa histórica submeter a documentação a uma crítica rigorosa e, no entanto, essa regra tão elementar é extremamente difícil de ser posta em prática e, principalmente, de ser bem-sucedida quando se trata de criticar o depoimento testemunhal.²

Não obstante, o pesquisador José Murilo de Carvalho conseguiu fazê-lo na obra *Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi*. Tomando como recorte geográfico a então Capital Federal, ele se debruça sobre a mudança de regime político, bem como os impactos em seus anos iniciais. Ao contrário do que afirmara Lobo, para Carvalho o povo não ficara estático e ignorara aleatoriamente tudo que lhe era trazido pela República, como se percebe pelo comportamento dos habitantes do Rio de Janeiro. “Os primeiros anos da República foram de repetidas agitações e de quase permanente excitação para os fluminenses”.³

A expectativa em torno dos possíveis ganhos pela chegada da República foi sentida por diversos contemporâneos, muito diferente do que pregara Lobo. Tal sensação não era exclusiva

¹ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 385.

² Idem.

³ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 22.

das elites (homens de maior poder aquisitivo e posicionamento social), mas também se fazia presente entre os sujeitos comuns.

Os operários, ou parte deles, acreditaram nas promessas do Novo Regime, tentaram se organizar em partidos, promoveram greves, seja por motivos políticos, seja por defesa de seu poder aquisitivo erodido pela inflação. Ferroviários, marítimos, estivadores, cocheiros e condutores de bondes fizeram sua entrada no cenário político, promovendo as primeiras paralisações da Capital. Pequenos proprietários, empregados, funcionários públicos também se mobilizaram pela primeira vez no bojo da xenofobia florianista, organizando clubes jacobinos e batalhões patrióticos.⁴

Dessa forma, José Murilo de Carvalho foi dando vida a uma concepção que se contrapunha à perspectiva “bestializada” apresentada pelo ministro. Para tanto, o autor analisou o comportamento de cidadãos em diversos segmentos do cotidiano e observou uma intensa participação ativa em áreas como a religião, as sociedades de ajuda mútua e o lazer, contrastando ao que se via na política. Nesta perspectiva, a noção de cidadania perdeu o caráter unitário e ganhou conotações diversificadas, com o que podemos definir por diferentes tipos de cidadãos e que podiam ser percebidos “seja pela oposição, seja pela apatia, seja pela composição”.⁵ O primeiro pode ser percebido pelas reivindicações nas ruas do Rio de Janeiro, o segundo pelo elevado número de abstenção eleitoral e o terceiro pela procura seletiva ao Poder Público, o que também ficou conhecido como Estadania.⁶

A partir dessa ótica, não é mais possível enxergar a participação popular no período da Primeira República como “bestializada”.⁷ Como alternativa a essa perspectiva, José Murilo adota a concepção de “Bilontra”, entendido como alguém espertalhão, gozador.

No lugar do bestializado emerge – na linguagem do cientista político – a imagem charmosa do bilontra, esperto, o velhaco, o gozador, o tribofeiro, imagem que se refez posteriormente sob o conceito de “malandragem”. (...) Contraposto ao tipo ideal de “burguês” individualista e associativo, o bilontra é o cidadão que não foi. Está fora da política, assim como suas associações religiosas e de auxílio mútuo, as festas, o samba, o carnaval e o futebol.⁸

⁴ CARVALHO, Op. cit., p. 22.

⁵ Ibidem, p. 155.

⁶ Entendida como relações cordiais com os poderes públicos por parte dos cidadãos para ter suas reivindicações atendidas. Definição usada no artigo: SOUZA, Glaucos José Costa. As várias maneiras de lutar: O trabalhismo na União Operária do Engenho de Dentro. **Revista Bilros**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 12-24, jan.-jun. 2014, p. 20.

⁷ Em sua análise, aliás, José Murilo de Carvalho conclui que bestializado era aquele que levava a política a sério, manipulado pelos políticos tradicionais.

⁸ NETO, José Miguel Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 255-256.

Tal concepção encontra endosso em outros trabalhos historiográficos que valorizam a participação ativa dos homens comuns enquanto sujeitos de sua própria história. A criação de associações é um bom exemplo disso no ponto de vista do historiador Cláudio Batalha.

A resposta encontrada pelas classes trabalhadoras durante a Primeira República a um sistema que levava a exclusão social e política está em parte no mundo associativo criado. O associativismo nesse período das classes trabalhadoras em geral, e da classe operária em particular, se expressava através de uma rede extremamente diversificada e rica de associações. Sociedades recreativas, carnavalescas, dançantes, esportivas, conviviam lado a lado com sociedades mutualistas, culturais e educativas e, também, com sociedades profissionais, classistas e políticas. Em que medida toda e qualquer sociedade composta por trabalhadores, independentemente de seus objetivos, expressa identidade de classe ainda é objeto de controvérsias. Há aqueles que associam a identidade operária a formas de ação coletivas e associações que reivindicam seu caráter de classe (Batalha, 1991-1992), ao passo que outros veem em toda sociedade composta por trabalhadores, inclusive clubes de futebol, uma forma de identidade classista (Pereira, 2000, p.255-280).⁹

Diana Mendes, no trabalho *Futebol de Várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*¹⁰ apresenta interpretações importantes no que tange às associações de bairro. Segundo ela, tais grupamentos se apropriavam de maneira ativa das atividades culturais de sua época, tal qual o teatro, o cinema e o futebol, contrariando a concepção de seus agentes apenas como uma forma de assistência.

Por esse ângulo, o futebol surge como um dos pontos a partir dos quais podemos refletir acerca da participação popular na Primeira República. Inserido em um ambiente de disputa entre diversas camadas sociais que existiam na Capital Federal na transição do século XIX para o XX, o esporte bretão é uma importante janela para observar esse processo social.

1. O surgimento do futebol institucional

Tal história do futebol, muitas vezes contada e que fez de personagens históricos como Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro – todos com suas origens europeias e embebidos das boas normas britânicas –, os heróis fundadores do futebol brasileiro, deve, contudo, ser mediada com outras narrativas. Talvez menos glamorosas, e menos aristocráticas, outras

⁹ BATALHA, Cláudio H. M. Formação da Classe Operária e projetos de Identidade Coletiva. In: *Ibidem*, p. 180.

¹⁰ SILVA, Diana Mendes Machado da. **Futebol de várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)**. São Paulo: Alameda, 2016.

narrativas sobre as origens do futebol no Brasil apontam para a diversidade das “origens” do esporte no país.¹¹

A história do futebol no Rio de Janeiro não começa, portanto, de maneira una, isto é, a origem deste esporte sendo trazido a então Capital Federal por um “mito” fundador não é só uma das muitas formas de sua inserção na região, como objeto de apropriação por um grupo, ressignificação para outros e de disputas entre os muitos agentes sociais envolvidos neste processo.

É fundamental ter sempre conosco que a História, enquanto ciência, não é um movimento linear, algo teleológico e progressivo. “Na vida humana há sempre o elemento da imprevisibilidade e da surpresa, que torna difícil, senão impossível, afirmar que tal evento determinou outro acontecimento”,¹² razão pela qual optamos por partir nossa perspectiva de uma origem múltipla e diversificada para compreender a chegada do futebol no Rio de Janeiro. Por isso, na nossa concepção, falar em futebol carioca no início do século XX está longe de ser contar a história de um clube ou mesmo uma única competição, mas sim contextualizar esses fatores dentro de uma conjuntura maior, na qual, bem como ocorre com as diversidades apresentadas em relação à origem do esporte bretão no Brasil, também acontece com o seu desenvolvimento.

Assim, ao pensarmos no futebol fluminense no início do século XX, estamos pensando em uma prática que se desenvolve em ambientes variados e, conseqüentemente, entre sujeitos múltiplos, que vão desde os que podem ser definidos como elite àqueles associados às camadas populares. Afinal de contas:

Nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol.¹³

¹¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs). **Memória social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006, p. 27.

¹² NETO, Op. cit., p. 224.

¹³ MELO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs). **Vida divertida**: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p.72.

Em vista disso, podemos apreender que o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro se deu no meio de um crescimento das práticas esportivas na cidade e de acordo com a realidade e a capacidade do grupo social no qual estava inserido. O futebol é, portanto, mais acessível do que outros esportes.

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.¹⁴

Enquanto prática cultural, este esporte torna-se importante instrumento para refletir sobre a presença das camadas baixas na sociedade carioca. Se em um primeiro momento a participação destes sujeitos se dá na forma de *matches* amistosos, posteriormente o futebol se torna um elemento frequente em eventos sociais de clubes e associações. Não demorou muito para que se originasse competições especificamente voltadas para o futebol.

O *Jornal do Brasil*, em 18 de maio de 1905, anunciou que “muito em breve vae ser fundada, a exemplo de S. Paulo, a liga das sociedades de football desta capital, ramo este de sport que este anno, principalmente, tem tido extraordinário incremento”.¹⁵ A reunião inicial ocorreria em 21 de maio de 1905, entre as delegações do Fluminense, Foot-Ball and Athletic Club, Rio Cricket, Payssandu, Botafogo, Sport Club de Petrópolis, Colégio Militar Foot-ball club, Andarahy, Bangu, Petropolitano e América. A organização da Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA) é mais do que a realização do simples desejo de um grupo de indivíduos da alta sociedade carioca; ela é o reflexo de um processo silencioso, mas perceptível, pelo qual o futebol estava se consolidando na Capital Federal. Esta consolidação, por sua vez, incluía indivíduos de várias classes sociais e de diversas idades, e seria igualmente perceptível nos subúrbios cariocas.

Em 21 de março de 1907, o jornal *O Paiz* trouxe a seguinte notícia: “A digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação da Liga Suburbana

¹⁴ SOUZA, Glauco José Costa. Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola: O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, xxx f, 2015, p. 46.

¹⁵ *Jornal do Brasil*, em 18/05/1905.

de Football”¹⁶. A Liga Suburbana, com estatutos e condições próprias, iria ser criada para dar vazão aos inúmeros times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Futebol.

Seria nesse espaço alternativo que o melhor clube da 2ª Divisão da LMSA em 1906 poderia desfrutar das glórias que lhe foram negadas naquele torneio.

Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra coisa. Domingo ultimo [24/03/1907] foram disputados vários matches. No campo do Cascadura (...) [e] No campo do Sport Club Mangueira.¹⁷

O crescimento do futebol era visível também nos subúrbios e, portanto, era só questão de tempo até que um campeonato pudesse engrandecer a prática deste nobre esporte em regiões não tão positivamente consideradas. Assim:

Sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este anno disputar um campeonato regional sob seus auspícios. Fazem parte da referida Liga o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangueira F.C.¹⁸

O Campeonato, que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, estava previsto para começar em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do sr. Augusto José Teixeira, foi criada uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas, nos mesmos moldes do que ocorria com a LMSA. A atitude dessa comissão, que tinha como vice-presidente da Liga Arnaldo Joppert, e como tesoureiro Luiz Maia, “causou bela impressão nos subúrbios, porque o football so terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades”.¹⁹

Participaram da 1ª edição do torneio, além do Riachuelo, que seria o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-

¹⁶ O paiz, em 21/03/1907.

¹⁷ **Gazeta de Notícias**, em 28/03/1907.

¹⁸ **Jornal do Brasil**, em 15/04/1907.

¹⁹ **Gazeta de Notícias**, em 30/09/1907.

campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois retirou-se por falta de jogadores.²⁰

Ainda nesta “liga alternativa”, por assim dizer, a participação de todos os clubes populares não estava garantida. Esperava-se o cumprimento de alguns requisitos mínimos para tanto, bem como também ocorria na Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Se nesta competição existiam barreiras práticas como o desprestígio atribuído a 2ª divisão, que sequer proporcionava um troféu ao seu vencedor, a exigência de aluguéis de campos com o mínimo de condições para um bom jogo, bem como o deslocamento aos estádios dos adversários, eram obstáculos semelhantes que podiam ser encontrados na Liga Suburbana.

2. Profissionalismo marrom, alfabetização e futebol nos subúrbios cariocas

O futebol nos subúrbios cariocas ocorre concomitantemente ao que também acontecia em outras regiões da então Capital Federal, razão pela qual ele pode ser pensado a partir de uma perspectiva de representação da identidade suburbana. Isso nos é indicado em relação aos objetos usados para a prática do futebol. Segundo o historiador Leonardo Pereira, a utilização de instrumentos voltados para a prática futebolística é apontada como um caráter excludente deste esporte.

A técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.²¹

Não obstante, em 1918, tal aspecto já é absorvido pelos subúrbios cariocas que, inclusive, fazem disso um símbolo de identidade perante outras competições, como nos é possível perceber em texto comercial a respeito de uma marca de bola: “As bolas Victoria produzem o mesmo efeito que as estrangeiras. A Liga Suburbana adopta-as e com grande resultado”.²²

²⁰ **Jornal do Brasil**, em 17/06/1907.

²¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 39.

²² **Revista O Tico Tico**, em 31/07/1918.

Outro ponto em que é possível perceber a busca pela valorização e pelo reconhecimento da identidade suburbana por meio do futebol se dá no “profissionalismo marrom”²³ utilizado por parte do Club de Regatas Vasco da Gama sobre alguns jogadores do Engenho de Dentro Athletic Club. Tricampeão da Liga Suburbana nos anos de 1916, 1917 e 1918, o time do Engenho de Dentro vê alguns dos principais nomes de suas conquistas se transferirem para o clube fundado em 21 de agosto de 1898 por razões financeiras, o que na época era não era permitido. Sobre esse aspecto, a publicação a seguir é bem ilustrativa:

Illmo. e Exmo. Sr. Redactor Sportivo da Gazeta Suburbana. Cordeas saudações.
Dirijo-me a V. Ex., por ser o único homem capaz, neste momento, de enfrentar a situação, e, por ser o bem feito jornal que V. Ex. tão bem dirige, o único órgão suburbano que trata com carinho do sport no subúrbio.
Quero-me referir ao Sr. Achilles Pederneiras, que, como toda gente sabe, está fazendo um papel indigno e ante sportivo.
Esse Sr. Pederneiras, que jogou no Engenho de Dentro, e é actualmente Director sportivo do Vasco da Gama, não se envergonha de seduzir players desse club para o Vasco, promettendo naturalmente o que não tem competência para dar, e, embora tenha, não deixa por isso de ser evidente o seu papel.
A Directoria do Engenho de Dentro precisa tomar providências serias nesse sentido, pois, qualquer dia, o nosso glorioso club ficará sem elementos, visto o Sr. Pederneiras carregar todos para o Vasco da Gama.
Grato pela publicação desta, subscrevo-me, de V. Ex. Cdo e leitor, M. P. A.²⁴

Mais do que a revolta por ver alguns dos seus principais elementos se transferirem para outro clube, a saída de atletas do Engenho de Dentro para o Vasco da Gama, que em 1919 disputava as divisões inferiores da antiga Liga Metropolitana de Sports Athleticos, agora chamada de Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, indicava um desmerecimento que ia de encontro à valorização que almejavam os suburbanos. Dada perspectiva nos parece visível nas críticas que a imprensa desta localidade fez às condutas que acabam por desfigurar a Liga Suburbana. Invocando a paixão pelo jogo como ponto principal para motivar os praticantes do futebol, a *Gazeta Suburbana* faz uso do humor para deixar claro o seu posicionamento.

Um caso interessante...E...melindroso
Soubemos, que, em certa rua da Estação Piedade, um jogador de um club da Liga Suburbana, foi calorosamente seduzido por demoiselle, para deixar o seu club e ir jogar pelo...(?!?) naturalmente pelo club de que essa moça em questão é torcedora fanática...
O mais interessante é que o player seduzido delcarou, que satisfazia o desejo da seductora, só com a condição d'ella ceder a uns castos desejos seus... que não vêm ao caso...

²³ Profissionalismo marrom pode ser definido como o período em que os jogadores eram proibidos de receber remuneração pela prática do futebol, mas acabavam sendo recompensados financeiramente sob outras justificativas.

²⁴ *Gazeta Suburbana*, em 05/04/1919.

Casos essa história de profissionalismo “amoroso” se verifique, daremos somente o nome do player e os leitores compreenderão... a história, que é bastante melindrosa e também escandalosa para vir a público.

É a primeira vez que se verifica um “caso” destes. Mas, apesar de todos e de todas as complicações que podem advir disto, sempre é melhor e mais correcto esse profissionalismo que o outro... o outro, o tal em que os cobres entram em scena...²⁵

Para este periódico, não há dúvidas de que a questão financeira era o que motivara os jogadores a mudar de clubes. Sendo assim, é possível perceber o quanto há de busca pela identidade suburbana por meio do futebol, a partir do sentimento de amor por essa prática esportiva.

Pelo sem fio...Informações de toda parte [...]

Durval (C. A. C.) – Profissionalismo só no Vasco, cá em casa é só por amor – Flavio. Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha (Vasco) – 10:000\$ é dinheiro pra burro, se arranhares pra mim irei também – Gonçalo.²⁶

A profissionalização dos esportes, em especial do futebol no Rio de Janeiro, é um tema de grande relevância há mais de um século. Surgido como amador, no sentido de estar associado ao caráter lúdico, moderno e até mesmo higienista (saúde), o esporte tomou contato com o Brasil e foi muito além disso. Executar uma atividade esportiva, no século XIX e no início do XX não era tão somente um momento de diversão ou uma busca por melhora na qualidade de vida, por assim dizer. Com o decorrer da difusão na sociedade carioca, tornou-se necessário o domínio cada vez maior de performances melhores, a fim de garantir não só a prática esportiva satisfatória, mas também o êxito, isto é, a vitória no campo esportivo. Logo surgiu a necessidade de maior dedicação de tempo aos jogos e, no caso do futebol no Rio de Janeiro, isso se tornou uma oportunidade para algumas pessoas obterem renda.

O ano de 1919, no qual o jornal *Gazeta Suburbana* apresenta críticas ao que chama de profissionalismo, é determinante para os rumos que o futebol tomaria. Segundo João Malaia, foi nessa época que “a lógica do capitalismo passava a se apoderar do futebol. Este, transformado em espetáculo comercializável para multidões, passou a conviver mais de perto em seus setores com aspectos inerentes ao desenvolvimento deste tipo de economia”.²⁷ Neste

²⁵ *Gazeta Suburbana*, em 05/04/1919.

²⁶ *Gazeta Suburbana*, em 05/04/1919.

²⁷ SANTOS, João Manuel Malaia Casquinha dos. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 – 1934). Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, xxx f, 2010, p. 190.

cenário, os jogadores se tornaram um ativo importante e que poderia ser valorizado à medida que trouxesse resultados positivos para os clubes nos quais atuassem.

Em razão das desigualdades socioeconômicas existentes no Rio de Janeiro desde pelo menos a colonização, o segmento social que se tornou mais interessado em se especializar na prática futebolística foi o de menor poder aquisitivo. Nos anos 1920, estes agentes passaram a ser disputados entre os principais clubes da cidade, alguns dos quais, anos antes, criavam barreiras para a sua participação, muitas, inclusive, semelhantes às existentes em outros ramos da sociedade.

Um exemplo disso envolve a participação em clubes e torneios futebolísticos de pessoas analfabetas, as quais estavam constitucionalmente impedidas de votar nas eleições brasileiras, ao mesmo tempo que também tiveram a participação no futebol limitada em alguns momentos. A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), organizadora da primeira edição do Campeonato Carioca de Futebol Masculino em 1906, vetou em alguns anos a participação de jogadores que não soubessem ler e escrever,²⁸ sendo um dos episódios de grande repercussão nacional a proibição, em 1924, de jogadores do Vasco da Gama nestas condições.²⁹

Curiosamente, não era apenas a competição que recebia Flamengo e Fluminense que estabelecia critérios envolvendo os fatores educacionais. Na Liga Suburbana, em 1917, por exemplo, aos atletas analfabetos não era permitida a participação nos jogos, sendo muitos deles, aliás, depois contratados pelos clubes da Metropolitana. Foi o caso do goleiro Nelson da Conceição, que trocou o Engenho de Dentro Athletic Club pelo Vasco da Gama.³⁰ Não obstante, os diretores dos clubes que a ela fossem filiados deveriam dominar a leitura e a escrita, ao passo que isso deveria ser provado imediatamente no ato de inscrição. Em anúncio publicado no jornal *O Imparcial*,³¹ aqueles que iriam compor a mesa diretora das agremiações deveriam assinar de

²⁸ SOUZA, Glauco José Costa. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: Semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro. *Revista Esporte e Sociedade*, Niterói – RJ, ano 11, n 28, Setembro, 2016.

²⁹ SANTOS, Op. cit.

³⁰ SANTANA, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, xxx f, 2013.

³¹ “Liga Suburbana de Football. Encerram-se impreterivelmente no próximo dia 31, o prazo para os pedidos de filiação a esta Liga. São condições indispensáveis para estes pedidos: a) uma relação da directoria, assignada dos próprios punhos [a alfabetização era um fator censitário e excludente na Primeira República]; b) uma lista dos sócios; c) um exemplar dos estatutos; e d) a importância de 30\$000 da taxa de filiação, a qual será restituída no caso de rejeitado o pedido. Secretaria, 27 de março de 1917 – A. Amorim, secretario.” *O Imparcial*, em 29/03/1917.

próprio punho os documentos, uma forma de dar autenticidade à solicitação e também de garantir a comprovação de que eram alfabetizados.

Ainda assim, mesmo com tais barreiras sendo erguidas, elas não impediram por completo jogadores sem escolarização de atuarem na Metropolitana, e um dos fatores que explica isso foi o “profissionalismo marrom”. Este, por sua vez, pode ser entendido como a prática de remunerar de forma extraoficial jogadores de futebol que atuassem, ou estivessem para atuar em determinados clubes. Embora fosse proibido até os anos 1930 o ato de pagar jogadores de futebol para jogarem, isso foi bastante disseminado no futebol carioca e teve várias consequências, como a de contribuir para que agentes sociais outrora excluídos superassem os empecilhos que lhes foram impostos.

3. Mulheres e futebol nos subúrbios cariocas

A Primeira República no Brasil (1889–1930) ficou marcada por apresentar um caráter mais excludente do que democrático, trazendo grandes semelhanças com o período imperial no que tange à participação da população nas decisões políticas. Equivalente também com as práticas das demais repúblicas liberais existentes na transição do século XIX para o XX. Segundo as historiadoras Cláudia Viscardi e Livia Soares, os motivos para isso estão relacionados à “exclusão das mulheres, dos analfabetos e do voto facultativo”,³² características parecidas em relação aos dois primeiros elementos que também eram identificados nos primórdios do futebol carioca: mulheres e analfabetos não poderiam fazer parte, de forma ativa, de todos os campos de jogos.

A Constituição Federal da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, trazia em seu artigo 70 a seguinte previsão: “São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei”, ao mesmo tempo em que no 2º item do primeiro parágrafo negava explicitamente esta possibilidade aos analfabetos. Em outras palavras, quem não dominava a escrita, e as mulheres, estavam proibidos de exercer parte da sua cidadania no que se refere ao direito eleitoral ativo.

Anteriormente, vimos alguns exemplos no futebol carioca de que a não alfabetização impediu ou poderia ter impedido jogadores e dirigentes de exercerem suas funções, uma clara reprodução no campo esportivo das interdições sociais legitimadas pelo regime republicano no

³² VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas Pinto Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho. **Rev. Hist. (São Paulo)**, n. 177, 2018, p. 3.

Brasil. Sobre as mulheres, havia uma clara intenção de limitá-las, o que tornou o tema motivo de disputas na sociedade da época, para além de uma simples “exclusão oficial”.

A mulher dentro do universo futebolístico se faz presente, no Rio de Janeiro, desde os primeiros chutes, mas o lugar que ela ocupou variou bastante ao longo de mais de um século de prática do esporte. Se pensarmos sobre o prisma de ser preciso haver uma autorização oficial, ou pelo menos uma não vedação explícita, para que elas pudessem jogá-lo, temos o ano de 1983 como o marco histórico.³³ Todavia, assim como para o futebol entre os homens, as datas e os responsáveis pelo nascimento esportivo são objetos de disputa nos discursos de agentes sociais em conflito, razão pela qual podemos encontrar, a partir de pesquisas recentes, informações da prática futebolística entre as mulheres desde a década de 1910.

Victor Melo enfatiza que a participação feminina no universo esportivo sempre ocorreu, mas não nas mesmas funções.³⁴ No turfe, por exemplo, esporte bastante disseminado no Rio de Janeiro durante o século XIX, a imprensa as colocava como parte do público que acompanhava as corridas de forma bastante animada, bem como é possível encontrar registros que atribuem a elas a decoração das arquibancadas. Há, ainda, indicativos de mulheres praticantes desse esporte. Seu lugar, ainda assim, é majoritariamente acessório. Percebemos, no entanto, que é possível encontrar exceções a essa conjuntura. O mesmo pesquisador relata que há evidências, ainda que em número reduzido, de atletas praticando esgrima, tiro ao alvo, críquete, atletismo, hipismo e até mesmo o remo, outro esporte muito ligado à figura masculina. Embora sejam atividades físicas, o quantitativo de mulheres que as faziam não é suficiente para eliminar a imagem machista das práticas esportivas no início do século XX na cidade, ou seja, a exceção aqui só confirma a regra.

Um momento em que tal cenário fica evidente é pela participação das mulheres nas festas esportivas. Vistos como momentos de lazer, de confraternização, estes eventos contavam com atividades variadas que envolviam a presença de crianças. O caráter lúdico e amistoso prevalecia, apesar das premiações e dos destaques dados aos vencedores, sendo, curiosamente, este o momento em que identificamos grande participação das mulheres no final do século XIX e início do XX. A pesquisadora Aira Bonfim, por sua vez, ingressa nessa discussão trazendo

³³ SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 135 f, 2015.

³⁴ MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

um elemento novo e de grande relevância: a tentativa de criação de um time de mulheres em Vila Isabel, no ano de 1912. Segundo ela, não há fontes que comprovem o sucesso da iniciativa, mas sim indícios que denotam a “existência de um team de garotas nas festas esportivas de Villa Izabel”.³⁵ A sociedade esportiva brasileira dos anos 1900 não se mantinha completamente alheia ao debate sobre a participação da mulher no esporte. Um exemplo interessante disso é o surgimento de jogadores travestidos de mulheres em partidas amistosas e/ou festivas.³⁶ Ao mesmo tempo, times formados por jogadoras se exibiam em festivais nos bairros do Flamengo e do Catumbi.

O jogo de mulheres representantes do Hélios Athletic Club figura entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil, antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921. O debate público sobre esportes e mulheres aumentou exponencialmente na década de 1920. Mesmo notícias sobre o futebol de mulheres que acontecia em outros países passaram a ser divulgados pela imprensa nacional no final da década.³⁷ Há, nesse momento, um deslocamento pequeno da mulher que se limitava a decorar as arquibancadas para o campo esportivo, mas ainda assim restrito à excepcionalidade, ao caráter acessório do esporte majoritariamente controlado pelos homens. O Clube de Regatas Vasco da Gama, bastante conhecido junto ao público carioca em 1923, quando se sagrou campeão pela primeira vez na divisão principal da Liga Metropolitana (o atual Campeonato Carioca da 1ª divisão), possuiu um “team feminino fundado por torcedoras para disputar o campeonato”,³⁸ mas sem que possamos identificar que torneio seria esse e, principalmente, se houve a sua realização.

Dessa forma, podemos perceber que se por um lado barreiras gigantes foram erguidas para cercear a participação das mulheres no esporte, assim como fizeram no ambiente político da Primeira República brasileira, elas conseguiram criar mecanismos para escapar dessas amarras e se tornarem agentes ativos de suas próprias histórias. O futebol pode ser visto, portanto, como um instrumento de resistência dos excluídos pela República Velha.

Considerações finais

³⁵ BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, xxx f, 2019, p. 54.

³⁶ Idem.

³⁷ Ibidem, p. 64.

³⁸ CLUB de Regatas Vasco da Gama. Revista **Careta**. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

No esteio da representação identitária, o futebol nos subúrbios também pode ser percebido como uma oportunidade para a manifestação da cidadania. Visto como um símbolo de identidade por parte de um grupo, por meio dele, é possível que esses agentes deem voz às suas angústias e dificuldades diárias. O “profissionalismo marrom”, tão criticado por parte da imprensa suburbana, traz em si aspectos que indicam a aceitação de que o Estado não poderia ser o agente catalisador da melhoria na condição socioeconômica, e apontam para uma saída por essa prática. Pessoas que pelas condições de vida sofriam imposições na sociedade, acabaram conseguindo, por meio dele, se inserir em ambientes outrora inacessíveis.

Se por um lado as fontes indicam que alguns destaques do Engenho de Dentro deixaram de participar da Liga Suburbana para atuar no Vasco da Gama em troca de algum tipo de remuneração, por outro nos é possível perceber que para estes jogadores a possibilidade era vista como uma forma de melhorar a realidade de vida. Se existiam aspectos que limitavam o seu ingresso, como a obrigatoriedade da alfabetização, estas dificuldades algumas vezes foram superadas ou ignoradas, ainda que estes sejam exemplos excepcionais, e que não deixam de confirmar a regra excludente da Primeira República.

Por fim, também é possível observar esses agentes como sujeitos ativos de sua própria história, já que estiveram longe de acompanhar “bestializados” o processo que lhes acontecia. Fora da política, estes sujeitos adotaram um tipo de comportamento pelo qual, valendo-se de suas associações esportivas, conseguiram fazer sua voz presente para sobreviver nas terras cariocas. O futebol de mulheres é, pois, um dos grandes exemplos neste sentido, porque deu às suas participantes a possibilidade efetiva de demonstrarem no campo esportivo sua capacidade, ao contrário, por exemplo, do que não poderiam fazer nos processos eleitorais.

Referências

Fontes

A Liga Suburbana de Futebol. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 1907, n.º 273, 30 de setembro de 1907. Pág. 04.

BRASIL. Constituição (1891). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, fev. 1891.

Campeonato da Liga Suburbana. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1907, n.º 168, 17 de junho de 1907. Pág. 04.

Club de Regatas Vasco da Gama. **Careta**. Rio de Janeiro, 1923. Pág. 16.

FOOTBALL: A fundação da Liga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1905, n.º 138, 18 de maio de 1905. Pág. 05.

Gaiola Esportiva: Jacintho Costa. **O Tico-Tico**: Jornal das Crianças, 1918, n.º 669, 31 de julho de 1918. Pág. 18.

Liga Suburbana de Foot-ball. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1907, n.º 105, 15 de abril de 1907. Pág. 06.

Liga Suburbana. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1907, n.º 8204, 21 de março de 1907. Pág. 04.

Nos subúrbios: os matches de domingo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 1907, n.º 87, 28 de março de 1907. Pág. 04.

Vida Sportiva. **Gazeta Suburbana**, Rio de Janeiro, 1919, n.º 486, 05 de abril de 1919. Pág. 04.

Referências bibliográficas

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da Classe Operária e projetos de Identidade Coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 217 f, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MELO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs). **Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

NETO, José Miguel Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTANA, W. P. **As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)**. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 141 f, 2013.

SANTOS, João Manuel Malaia Casquinha dos. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 – 1934)**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 489 f, 2010.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **Futebol de várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)**. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs). **Memória social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 135 f, 2015.

SOUZA, Glauco José Costa. As várias maneiras de lutar: O trabalhismo na União Operária do Engenho de Dentro. **Revista Bilros**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 12-24, jan.-jun. 2014.

_____. Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola: O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia(Licenciatura em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 72 f, 2015.

_____. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: Semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói – RJ, ano 11, n 28, Setembro, 2016.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas Pinto Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho. **Rev. Hist. (São Paulo)**, n. 177, 2018.